

As nações, o imperialismo e a circulação do segredo: algumas reflexões sobre o caso Snowden

Nations, imperialism and the circulation of the secret: some reflections on the Snowden case

Rev. Bra. Est. Def. ano 1, nº 1, jul./dez., p. 97-111

ESTEBAN VERNIK*

Tradução do original em inglês de Flora Carvalho de Oliveira e Freitas Fonseca

“¿Por qué Holanda es una nación mientras que Hannover o el Gran Ducado de Parma no lo son?”

Ernest Renan 1882.

1. INTRODUÇÃO

O episódio ao qual irei me referir deve ser considerado por alguns ângulos particularmente interessantes: 1) o segredo e as sociedades secretas, e 2) as nações e as formas atuais de imperialismo, este último no sentido geral de intervenção de um país na soberania do outro.

O assunto tratado é de grande repercussão na imprensa, e sua solução está em processo. É um caso pelo qual tenho especial simpatia, uma vez que considero poder ser útil para pensar algumas questões mais gerais dentro das duas perspectivas que mencionei. O segredo, as sociedades secretas e as nações e o imperialismo hoje. Refiro-me ao caso Snowden. Edward Snowden, o espião de 30 anos que até pouco tempo trabalhava na Agência Central de Inteligência (CIA) e na Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos, e que há poucos dias encontrou asilo na Federação Russa, assim que os Estados Unidos solicitaram sua captura para ser jul-

* Professor da Universidade de Buenos Aires e da Universidade Nacional da Patagônia; investigador do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas.

gado por crime de traição à pátria, em virtude de ter divulgado ao público a maneira – secreta – com que o governo de seu país espia rigorosa e constantemente um grande numero de cidadãos de seu país e de dos outros.

No período em que esteve em Hong-Kong, Edward Snowden revelou que “sentado em seu escritório ele tinha a possibilidade de intervir no telefone de qualquer pessoa dos Estados Unidos. O de seu contador, de um juiz federal, inclusive no do presidente, só bastava ter acesso a seu e-mail pessoal”. Dias depois, o ex-agente da CIA e da NSA, informou a respeito dos mecanismos técnicos pelos quais, de maneira onipresente, o governo dos Estados Unidos espia a vida privada das pessoas de todo o mundo. Se todo Estado soberano dispõe de dispositivos de controle da vida de seus cidadãos, as revelações de Snowden exibem a ações realizadas pelos EUA para interferir nas atividades de outros países. Particularmente, a respeito do conteúdo das comunicações – tanto via correio eletrônico, Skype, SMS, como também por telefone – de diferentes funcionários e políticos de diferentes países (inclusive da América Latina), como também de diferentes assuntos internos relacionados à soberania estatal de tais nações e que são diretamente empoderados por agências do governo estadunidense, que os organiza de acordo com rótulos, como “petróleo” ou “energia”.

Por outro lado, como tem sido tratado abundantemente pela imprensa de nossos países, o caso Snowden trouxe à tona no mês passado um caso que fala também a respeito das relações de intromissão dos EUA sobre certos países europeus, quatro dos quais se veem hoje seriamente afetados por crises econômicas e políticas. O episódio pontua a respeito da ideia de soberania e dignidade nacional que têm hoje as autoridades dos EUA e seus sócios menores da Europa a respeito das nações latino-americanas. Refiro-me à detenção, no mês passado, do presidente da Bolívia, Evo Morales, durante 13 horas no aeroporto de Viena, uma vez que Portugal, Espanha, França e Itália negaram ao avião presidencial o direito de sobrevoos em seus territórios. Tal violação da legislação internacional foi produzida devido a pressões dos Estados Unidos, em consequência da falsa denúncia feita por autoridades espanholas a respeito da possível inclusão de Snowden dentro do avião presidencial boliviano.

Após participar de um encontro de países exportadores de Gás em Moscou, Evo Morales saiu desta cidade para La Paz. Porém, seu voo teve que parar em Viena devido à decisão dos governos de França e Portugal, em princípio, e Espanha e Itália, depois, de não autorizar o sobrevoos de seus territórios por prospectarem que na aeronave estava o ex-agente de

inteligência norte-americano, que se encontrava anteriormente na Rússia e era solicitado por Washington.

Para abordar o caso Snowden e suas consequências à política latino-americana, vou me servir de algumas considerações teóricas. Em primeiro lugar, inspiro-me, dentro da *Sociologia* de Georg Simmel, em seu ensaio intitulado “O segredo e as sociedades secretas”,¹ publicado originalmente em 1908. Para Simmel, “O segredo nas sociedades é um fato sociológico primário” (379). É um elemento básico das relações entre indivíduos e instituições. “Saber com quem se trata é a primeira condição para falar com alguém” (331). “O conhecimento mutuo é uma condição *a priori* de toda relação” (331), ao mesmo tempo em que nos adverte que “nunca se pode conhecer ao outro em absoluto” (332). Conjuntamente, Simmel chama a atenção para o significado sociológico da discrição – “esfera ideal, na qual não pode penetrar sem destruir o valor da personalidade que reside em todo indivíduo” (342) – e postula a existência de uma “medida completamente nova de discrição e reserva” que é característica do estilo de vida moderno, especialmente nas grandes cidades (355). Um ponto central colocado por Simmel, e que será apropriado a este caso, é a relação existente entre o segredo e a tradição. O ato de revelar um segredo resulta como o ponto de maior produtividade sociológica. É este o momento em que a tensão que é inerente ao segredo se resolve. “[...] ao segredo se une o sentimento de que podemos trai-lo. O segredo esta envolto na possibilidade e tentação de revela-lo”.²

“O significado sociológico do segredo está representado pelo modo como este se realiza, sua medida prática, está na capacidade ou inclinação do sujeito para guarda-lo ou se preferir, em sua resistência ou fraqueza frente a tentação de trai-lo”.³

Simmel acreditava na importância sociológica do segredo, e era consciente de sua utilização por parte dos Estados modernos nacionais. Justamente o valor de “segredo de Estado”, tal como aparece na expressão popular. Não obstante, como autor do final do século XIX e princípios do século XX, lança a afirmação de que, talvez, um acontecimento como o que presenciamos recentemente deve ser relativizado. Segundo Simmel, “no séc. XIX a publicidade se impõe nos assuntos do Estado, até o ponto em que os governos mesmo publicam oficialmente dados que até todo regime deveria ser mantido em segredo se quisesse preservá-lo”.⁴

Para concluir, com a finalidade de compreender o fenômeno que nos

é mostrado, gostaria de realizar duas últimas considerações. A primeira refere-se ao que Simmel denomina como as “sociedades secretas”. Nestas, nas quais o segredo se estende a todo um grupo, a sociedade secreta abraça “a totalidade do indivíduo”.⁵ O compromisso do indivíduo com a sociedade secreta afeta todos os ciclos de sua vida, e estes são também afetados em sua totalidade, no caso de o membro de uma dessas sociedades trair o segredo. “Toda sociedade secreta exerce uma espécie de império absoluto sobre seus membros”.⁶

Por último, em relação ao perigo que o segredo contrai diante de sua revelação, Simmel, em sua obra “Sociologia da carta”, versa a respeito das características da comunicação escrita. “O escrito é por essência oposto ao segredo. A forma escrita implica numa publicidade que, embora aparente ter potencial, é limitada”.⁷ “A carta realiza justamente a supressão de todos os objetivos de segurança contra a indiscrição, o aumento subjetivo dessa segurança”.⁸

Agora, em relação às nações e ao imperialismo, quero ressaltar também algumas breves linhas gerais. A ideia de nação carrega consigo a contravérsia a respeito de seu significado. Não existe consenso entre o público em geral nem entre os especialistas a respeito de seu significado. Além disso, não há consenso também em torno da ideia de Pátria, que possui os mesmos problemas para sua definição e, portanto, só podemos afirmar que este termo faz apenas referência a uma forma emocionalmente mais marcada. Às vezes, a definição deste par, Nação-Pátria, é privilegiada por uma definição característica da língua, da religião, da história ou da cultura. Por sua vez, estes conceitos fazem alusão a distintos tamanhos de unidades territoriais. A Pátria pode ser tanto um continente quanto também uma pequena cidade; também existe o problema de que estes conceitos geralmente podem se referir a grupos distintos, como classes e etnias, muitas vezes em relações conflitivas entre si. Em definitivo, dependendo da teoria que utilizemos, encontraremos distintos significados. Mas, também, para além do seu significado múltiplo, o conceito em si suporta diferentes lâminas ideológicas tanto de direita como de esquerda.

Como sabemos, o primeiro que, partindo de uma perspectiva moderna, questionou sobre o significado deste conceito, foi Ernest Renan, em sua palestra de 1882, “O que é uma nação?”.⁹ Uma vez que os conteúdos dessa famosa peça são bem conhecidos, não vou me referir a eles, exceto para destacar três considerações. A primeira, que é uma das suas vantagens essenciais, refere-se à vontade como um elemento essencial para a definição

de uma nação – vontade no sentido democrático, de *vontade popular*, que surgiu a partir da Revolução Francesa. A segunda lembra o papel da cultura popular como elemento que distingue cada nação – ritos e cerimônias públicas, mas também uma *cultura política de símbolos*: bandeiras, emblemas, hinos e dias festivos.

A terceira consideração refere-se a uma questão menos central da conferência, mas que considero digna de nota. A intervenção de Renan ocorre na “Era do imperialismo”: 1882. Ou seja, quando as duas grandes potências europeias, a Inglaterra e a França, viviam dois longos séculos de expansão ultramarina. Embora seja verdade que o olhar imperialista é dominante na reflexão de Renan, seus elementos universalistas e humanistas prevalecem em sua definição de nação, por exemplo, quando coloca a “cultura humana” à frente da “cultura nacional”: “Antes da cultura francesa, da cultura alemã ou da cultura italiana, está a cultura universal”. No entanto, o clima imperialista, que na época objetivava neutralizar o caráter das anexações dos outros territórios, continuará como a tradição inaugurada por Renan pelo menos até 1918, quando ocorre o fim da primeira guerra mundial, e caracteriza-se certamente como uma maneira moderada de tratar as intervenções político-culturais europeias.

Depois disso, eu invoco o trabalho de Edward Said, *Cultura e Imperialismo*¹⁰ (mais perto de nosso tempo), para apontar que agora é possível conceber a ideia de nação ou globalização sem se referir à experiência colonial e às formas como esta impacta a formação política do mundo contemporâneo. Entre outros ângulos, devemos considerar que a expansão das formas atuais do mercado capitalista não teria sido possível sem a expansão global também dos Estados-nação como a forma predominante de ação política.

A partir destes elementos, voltemos ao caso Snowden.

2. O SEGREDO É REVELADO. FINALMENTE O FUGITIVO ENCONTRA REFÚGIO

Edward Snowden foi acusado pelo governo dos Estados Unidos de haver revelado informações a respeito da vigilância realizada pela Agência Nacional de Segurança (NSA) do país. De forma ilegal, esta “sociedade secreta” registra chamadas telefônicas e dados de internet de milhões de cidadãos de todo o mundo.

Para situar o caso, deveremos considerar Snowden como o terceiro homem da história recente que recebeu uma medalha de perseguido por ter

alertado o mundo sobre as atividades de espionagem dos Estados Unidos. A galeria é composta também por Bradley Manning, o soldado estadunidense acusado de ter revelado o maior número de documentos da história militar dos Estados Unidos. Em 2010, Manning trabalhava como analista de dados no Iraque. Entrou em contato com o hacker norte-americano Adrián Lamo, a quem informou a respeito de uma base de dados que demonstrava “como o primeiro mundo explora o terceiro mundo”. Manning entregou a base de dados completa a Julian Assange, que a difundiu através do Wikileaks. Vários dias depois, Lamo denunciou Bradley ao FBI. Na última terça-feira, 30 de julho, no processo em que a justiça Militar estadunidense julgou a Bradley Manning, o mesmo foi considerado culpado de um total de 19 acusações que poderiam acarretar-lhe até 136 anos de prisão. Trata-se, sem dúvida, de um “aviso para todos os informantes”.

O outro acusado pelos EUA por revelar informações a respeito dos serviços de inteligência norte-americana foi Julian Assange, que vive há mais de um ano refugiado na embaixada equatoriana de Londres.

Voltando a Snowden¹¹, a Booz Allen é uma empresa contratante dos serviços de inteligência dos Estados Unidos. O governo dos EUA disse que, como empregado dessa empresa, Snowden havia assinado uma cláusula de reserva. O porta-voz de Barack Obama, Jay Carney, disse dias atrás que “a única viagem que Snowden deve fazer é voltar para os Estados Unidos para enfrentar a justiça”, onde ele é procurado e acusado de ter cometido “delitos graves”.

Como já foi mencionado, Snowden disse que tinha descoberto uma captura maciça de e-mails e chamadas telefônicas por agências governamentais norte-americanas. Suas revelações incluíram também o fato de que, diariamente, pelo menos 550 analistas avaliam as informações capturadas. Além disso, Snowden falou a respeito da espionagem, revelando que os EUA “trabalham lado a lado com os alemães e outros países ocidentais” e ameaçando novas revelações.

O jornalista norte-americano Glenn Greenwald, que vive no Brasil e trabalha com Snowden, publicou na quarta-feira, 31 de Julho, no site do jornal britânico *The Guardian*, a apresentação do “XKeyscore” de 2008. De acordo com o relatório, os agentes de inteligência podem encontrar no “enorme banco de dados” da NSA nomes, endereços de e-mail, senhas, números de telefone e palavras-chave. Agentes da NSA, conforme publicado no *The Guardian*, nem mesmo precisam da aprovação de um juiz para examinar em “XKeyscore” em tempo real a atividade de qualquer indivíduo.

Assim, de acordo com as declarações de Snowden ao *The Guardian*, Washington teria acesso irrestrito à internet e telefone de qualquer pessoa. Vigilância total de todas as atividades diárias de qualquer cidadão de qualquer país através da internet: suas operações bancárias, suas compras com cartão de crédito, seus diálogos... O serviço de inteligência dos Estados Unidos pode acessar “quase tudo o que um usuário típico de internet faz”, como e-mails, pesquisas e dados de milhões de pessoas, segundo o jornal britânico.

Finalmente, no último dia 2 de agosto, Snowden deixou o aeroporto em Moscou depois que a Rússia lhe concedeu abrigo temporário. O advogado de Snowden disse que seu cliente, a quem chamou de “homem mais procurado do planeta Terra”, tomou um táxi depois de entregar-lhe um certificado de seu estatuto de refugiado na Federação Russa.

3. A DETENÇÃO DO AVIÃO PRESIDENCIAL: UMA CRONOLOGIA DE EFEITOS ENTRE OS DIAS 2 E 12 DE JULHO¹²

Abordemos agora a derivação do caso Snowden em relação à detenção do presidente da Bolívia na Europa.

Depois de o avião presidencial circular – violando o direito internacional – sem que quatro países da região lhe dessem a permissão para aterrisar, o que é marcante é a forma como o caso impactou a opinião pública dos governos dos países próximos da Bolívia. É possível observar inicialmente a surpresa no dia 02 de julho, e logo em seguida o rápido acionar dos países da América do Sul, em especial dos Estados do Mercosul.

Então, se nós seguirmos uma perspectiva cronológica, veremos que os jornais do dia 3 de julho relataram que França e Portugal negaram ao presidente da Bolívia permissão para usar seu espaço aéreo. Encalhado em Viena, o presidente Evo Morales denuncia um complô. A medida adotada por esses países europeus (inclusive a recusa feita por parte de Espanha e Itália) foi devida às suspeitas de que o avião estava carregando Edward Snowden, procurado pelos Estados Unidos.

Imediatamente, Bolívia e Equador anunciaram que solicitariam uma reunião de emergência da Unasul para discutir o caso. A ministra de Comunicação da Bolívia, Amanda Dávila, descreveu o incidente como grave ofensa a Morales e seu país. Além disso, o chanceler equatoriano Patiño disse ter sido informado sobre o incidente e afirmou ser necessária uma

reunião extraordinária da Unasul para responder a tão grande ofensa. Por sua parte, o chanceler da Venezuela, Elias Jaua, protestou contra o fato ao prestar declarações ao canal Telesur e afirmou que: “O que aconteceu com o presidente Morales é uma manifestação de fascismo que está se apoderando do mundo, dos governos imperiais e de seus lacaios”. E insistiu: “Consideramos que o governo dos Estados Unidos e todos os governos que se recusaram a permissão de voo para o presidente Evo Morales deveriam ser responsabilizados”, informou a agência de notícias estatal venezuelana AVN. A medida adotada pela França e por Portugal foi anunciada pouco antes ao chanceler e ao ministro da Defesa da Bolívia, David Choquehuanca e Ruben Saavedra, respectivamente.

“Eu nunca vi Snowden em Moscou e ele também não foi tema de nenhuma conversa com autoridades russas”, disse Morales em Viena, onde o avião presidencial boliviano aterrissou perto de meia-noite, horário local. Por sua parte, o ministro boliviano da Defesa acusou os Estados Unidos de estarem por trás do pouso forçado em Viena. “Isso foi orquestrado, manipulado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, que, usando alguns países europeus, provocou esta situação, com a suspeita de que o avião presidencial estaria levando o Sr. Snowden”. “Esta é uma atitude reprovável, um ato discriminatório contra a Bolívia e o presidente Evo Morales”, insistiu o ministro boliviano.

Enquanto isso, o vice-presidente da Bolívia, Alvaro García Linera, confirmou que Morales foi “sequestrado” pela “arrogância” dos governos “ditados pelos Estados Unidos”, os quais denunciou à ONU por “violarem o direito internacional”. Durante uma mensagem enviada a uma emissora de televisão, García Linera anunciou que convocaria os embaixadores da Itália e da Espanha e o gerente de negócios de Portugal para darem explicações sobre o caso.

No dia seguinte, 04 de julho, os jornais anunciaram:

COMOÇÃO MUNDIAL DEVIDO À DETENÇÃO ILEGAL DO AVIÃO DE EVO MORALES NA EUROPA. A UNASUL REALIZARÁ HOJE UMA REUNIÃO DE PRESIDENTES.

Às declarações do dia anterior são adicionadas as da presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner, que caracteriza o incidente como “produto do colonialismo europeu, que não somente permanece como gera humilhação.” Ao declarar a nova composição da cúpula das Forças Arma-

das de seu país, a presidente argentina se referiu ao boliviano nos seguintes termos:

“O presidente da Bolívia, com seu avião militar, presidencial, foi detido ilegalmente na velha Europa, e não estou dizendo isso como uma frase clichê (...). A Velha Europa ainda tem vestígios de um colonialismo que gera humilhação para a o continente sul-americano”.

Nesta fase dos acontecimentos, Morales foi somente foi capaz de pousar em Viena, após a recusa de Portugal, Itália, França e Espanha, e na Áustria ainda teve que esperar a confirmação e liberação da Europa para que pudesse voar com liberdade e voltar para a Bolívia.

A presidente da Argentina continuou seguindo o caso em tempo real e contou em sua conta do Twitter a respeito das conversas que teve com Morales durante três horas. O último *tweet*, depois da meia-noite, relatava um contato recente com o presidente do Equador, Rafael Correa: “Vou avisar para Ollanta convocar uma reunião da Unasul. É 00:25. Amanhã vai ser um dia longo e difícil. Calma. Eles não poderão”.

Ainda durante os preparativos para a cúpula de presidentes organizada para este mesmo dia, a União de Nações Sul-Americanas (Unasul), declarou em comunicado oficial sua “solidariedade com o Governo da Bolívia” e expressou sua “indignação e profundo pesar” pelos impedimentos sofridos pelo avião presidencial boliviano. A UNASUL classificou como “atos hostis e injustificáveis que também colocaram em grave risco a segurança do chefe de Estado boliviano e sua comitiva”. A reunião de cúpula da Unasul aconteceu em Cochabamba, solo boliviano.

O ministro da Defesa da Bolívia, Ruben Saavedra, disse que foi “um ato de sabotagem dos Estados Unidos”, e acrescentou: “O presidente foi muito claro e disse que não aceitaria este tipo de requisição, porque ele estava falando a verdade e não era nenhum criminoso para ter que se submeter a esse tipo de ação que viola ainda o direito internacional”.

No dia seguinte, os jornais relataram:

OS PRESIDENTES DA UNASUL EXPRESSARAM SEU APOIO A EVO MORALES E SEU REPÚDIO AOS PAÍSES EUROPEUS QUE O RETIVERAM EM VIENA.

Os chefes de Estado, ministros e representantes de reunião da Unasul, em 4 de julho, em Cochabamba, expressaram sua solidariedade e apoio incondicional ao presidente da Bolívia, Evo Morales, após a detenção ilegal

de 13 horas que ele sofreu no aeroporto de Viena, devido à recusa de vários países europeus em permitir que seu espaço aéreo fosse sobrevoado. “Que peçam perdão, que alguma vez na vida peçam perdão pelo que fizeram”, declarou a presidente Cristina Kirchner em seu discurso. Morales, que só pôde retornar na terça à noite a seu país, disse que foi um prisioneiro e refém em Viena. “Nosso pecado é ser indígena e anti-imperialista”, disse ele, e revelou que estava avaliando a possibilidade de tomar medidas como, por exemplo, fechar a Embaixada dos EUA em seu país.

A reunião de emergência foi convocada em Cochabamba pelos presidentes para expressarem uma rejeição imediata ao evento que eles consideraram como passível de abrir precedentes, caso não recebesse uma resposta oficial e explícita de rechaço. Além de Cristina Kirchner, estavam presentes em Cochabamba, ao longo do dia, o presidente do Equador, Rafael Correa, o da Venezuela, Nicolas Maduro, o do Uruguai, José Mujica, e o do Suriname, Desi Boutarese. O resto dos líderes do bloco argumentou problemas de agenda, mas enviou representantes.

No estádio Coliseu de la Coronilla, representantes dos povos indígenas Quechua e Aymara, sindicatos e diversos grupos sociais foram chamados para prestarem seu apoio a Evo. O evento teve um tom festivo e militante. Comunidades indígenas trouxeram suas bandeiras e roupas multicoloridas, os sindicalistas chegaram com suas roupas de trabalho. A cultura de símbolos e rituais nacionais foi colocada em ação.

Evo Morales advertiu que seu país nunca seria submetido à chantagem porque seus habitantes têm “dignidade e soberania”. “Estamos orgulhosos de nosso grande país e nunca iremos nos submeter a insinuações. Rejeitamos as insinuações e as imposições a respeito da luta contra o narcotráfico e das privatizações. Estamos agora melhor do que antes, melhor do que com os Estados Unidos”, disse Morales. Quando proferia seu discurso, pediu aplausos para Cristina Kirchner, que naquele momento desembarcava no aeroporto de Cochabamba.

“É muito curioso quem muitas vezes exige certeza, quem muitas vezes solicita segurança jurídica e quem muitas vezes fala sobre o direito internacional – com o qual todos nós concordamos – ter cometido essa violação sem precedentes das normas mais elementares do direito internacional em vigor”, declarou a presidente argentina. “É muito perigoso, sumariamente perigoso, que aqueles que pretendem ser os países com um alto grau de desenvolvimento cometam atos ilegais contra chefes de Estado”, disse a presidente. E refletiu ainda: “Se isso for feito contra um chefe de Estado, o

que poderá ser feito contra um cidadão comum?”.

Marco Aurélio Garcia, assessor especial para Assuntos Internacionais de Dilma Rousseff – que devido a problemas internos não pôde viajar para Cochabamba, mas enviou o seu consultor como representante pessoal –, declarou que Morales tinha sido vítima de uma “provocação”.

Em seu segundo discurso após seu retorno a La Paz, o próprio Evo propôs uma análise política do ocorrido. Falando de si mesmo na terceira pessoa, disse: “Qual era o objetivo? Qual era o objetivo? Apenas assustar, intimidar. Era impossível para eles afirmar que Evo estava levando o agente americano. A Interpol (Organização Internacional de Polícia Criminal) está presente em todos os aeroportos internacionais. E os Estados Unidos tem a sua própria estrutura de inteligência. O que eles queriam?”.

A ideia do desafio descrito por Marco Aurélio mais a suposição de que Washington sabia que Snowden não estava no avião dão origem à teoria de um plano para assustar ou semear o medo.

Nos dias que se seguiram foram produzidos os seguintes anúncios:

BOLÍVIA CONVOCA OS EMBAIXADORES EUROPEUS. EXIGE EXPLICAÇÕES SOBRE A DEMORA DO AVIÃO DE EVO MORALES AO NEGÁ-LO A PASSAGEM POR SEU ESPAÇO AÉREO.

Governo da Bolívia convocará os embaixadores da Espanha, França e Itália e o cônsul de Portugal para prestar explicações ao presidente Evo Morales. A ministra boliviana da comunicação, Amanda Davila, disse ontem que Morales estava desgostoso com o tratamento recebido pelo embaixador espanhol em Viena, Alberto Carnero, que tentou embarcar no avião para verificar se o ex-analista da CIA Edward Snowden encontrava-se ou não presente.

ITAMARATY PEDE EXPLICAÇÕES.

Espiaram o Brasil.

O chanceler brasileiro Antônio Patriota exigiu uma explicação dos Estados Unidos a respeito da espionagem das comunicações dos cidadãos do seu país pela Agência Nacional de Segurança (NSA). Patriota disse que o governo de Dilma Rousseff recebeu com preocupação a notícia de que os Estados Unidos espionou também cidadãos brasileiros. O Ministério das

Relações Exteriores exigiu explicações ao embaixador dos EUA em Brasília, Thomas Shannon, e a missão diplomática brasileira em Washington fez o mesmo com o Departamento de Estado, de acordo com a nota. O Brasil planeja lançar uma iniciativa no âmbito das Nações Unidas (ONU), a fim de proibir os abusos e impedir a invasão da privacidade dos utilizadores da Internet, estabelecendo normas claras de comportamento dos estados no setor de telecomunicações.

DECLARAÇÃO PRESIDENCIAL REVELA MASSIVA ESPIONAGEM NORTE-AMERICANA.

Argentina também se tornou o alvo da grande espionagem.

A presidente Cristina Fernandez de Kirchner demonstrou seu interesse em que a cúpula do Mercosul realize uma denuncia a respeito da rede de espionagem montada pela Agência de Segurança Nacional e da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos.

Em consonância com as ações dos governos do Brasil e Argentina, outros presidentes da região se pronunciaram no mesmo sentido. O presidente peruano Ollanta Humala pediu ao Congresso de seu país para investigar. Jorge Glas, vice-presidente do Equador, disse que os atos de espionagem “são inaceitáveis”. Ele pediu “explicações sobre as acusações e denúncias internacionais, porque deve haver transparência e respeito às normas internacionais e ao marco jurídico que protege a privacidade das telecomunicações”.

Finalmente, no dia 12-7:

PRESIDENTES DO MERCOSUL ASSINARAM ACORDOS A RESPEITO DA ESPIONAGEM DOS EUA, A DETENÇÃO DE EVO MORALES E O DIREITO DE ASILO.

Lá, o anfitrião José Mujica, juntamente com a presidente argentina Cristina Kirchner, Dilma Rousseff do Brasil, o venezuelano Nicolas Maduro e o próprio Morales se reuniram.

Neste contexto, o presidente boliviano disse que estavam espionando seus e-mails. Segundo o presidente, Washington teria lido os e-mails de grandes autoridades bolivianas. “Esses agentes de inteligência dos EUA têm e-mails de nossas mais altas autoridades”.

Na cúpula do Mercosul, o chanceler argentino Héctor Timerman tam-

bém alegou espionagem mais de uma centena de membros do seu país. “Fazem espionagem, fazem monitoramentos, para uma intervenção, para uma dominação. E por que você quer dominar? Para assumir o controle de nossos recursos naturais, essa é a história”, acrescentou Morales. O presidente também disse que os Estados Unidos gastam anualmente 75 mil milhões de euros em inteligência, e para ilustrar o tamanho dessa cifra para seus seguidores camponeses e indígenas comparou com os 14.000 milhões de dólares que a Bolívia tem no total em reservas internacionais do Banco Central. “Você sabe o quanto eles gastam em inteligência? Todos os anos, passou de 75.000 milhões de dólares para manter tudo, para grampear os telefones”, disse o presidente, que também contrastou o gasto com a pobreza, que, ao seu ver, persiste nos Estados Unidos. A cúpula do Mercosul também decidiu consultar seus embaixadores presentes nos quatro países que detiveram o avião do presidente da Bolívia, e criticou os Estados Unidos pelo desenvolvimento de um plano de espionagem global.

4. CONCLUSÕES

O segredo sobre a espionagem ilegal dos EUA sobre o resto do mundo começou a se revelar. Assistimos durante um mês as peripécias de um fugitivo da justiça estadunidense, condenado a tal status por divulgar a forma como os EUA espionam políticos e cidadãos comuns de seu país e de outras nações. A publicação nos últimos dias das informações secretas até então gerou inúmeros protestos sociais e políticos, por parte dos cidadãos comuns de diferentes países, que experimentaram o desgosto de serem espiados; por parte ainda de diversas instituições, da imprensa e da justiça; também por parte de vários governos nacionais.

Snowden era parte de uma sociedade secreta (da qual participam todos os que trabalham para CIA ou para a NSA). O fato de ter revelado um segredo o converte, para essa organização, em um traidor. Assim o qualificou o presidente da Câmara de Representantes (deputados) dos EUA, John Boehner: “traidor”. Pediu que seja condenado com a pena mais alta. De sua parte, com uma visão oposta, o linguísta estadunidense Noam Chomsky considerou que “Snowden deve ser honrado”.

Na Europa, que – segundo as revelações de Snowden – participa como sócio menor da espionagem norte-americana dos cidadãos e funcionários, o presidente do Parlamento Europeu declarou: “Mas teremos que ser honestos. No podem que capturemos um homem que havia violado as regras,

mas a partir de seus atos Snowden nos revelou que os Estados Unidos também não cumpriram as regras conosco”.

Traidor ou herói? O próprio Snowden tentou esclarecer as discussões e assegurou em uma entrevista ao jornal de *Hong Kong South China Morning Post* que não é nenhuma das duas coisas; é simplesmente um cidadão estadunidense que busca “revelar crimes”.

Revelar delitos secretos é a incômoda tarefa assumida por quem se assemelha à figura do arrependido; trabalhar para a CIA e a NSA, e logo se tornar seu principal inimigo. O conteúdo dos segredos revelados por Snowden o coloca como principal denunciante de uma das atuais formas da qual a maior potência do mundo se utiliza para invadir assuntos soberanos de outras nações. Imperialismo da informação: EUA copia dados privados de cidadãos e dirigentes de outras nações.

O episódio gerado devido à falsa suspeita espanhola de que Snowden fugia junto ao presidente boliviano corrobora o lugar em que se encontram as corroídas democracias europeias diante da dominação estadunidense. Na era da informação e das comunicações digitais, o pecado de informar é tão grande que parte da Europa (os Estados da Espanha, França, Itália e Portugal) se coloca de joelhos frente aos Estados Unidos e chegam, em sua maior indignidade, a bloquear um avião presidencial sul-americano. O incidente não fez mais do que colocar em evidência a submissão e recolonização das nações hoje periféricas do Velho Mundo pelos Estados Unidos.

Analisando o assunto tratado por outra dimensão, diante de tal situação as declarações de muitos atores políticos latino-americanos do mais alto nível (os presidentes da Venezuela, Brasil, Equador, Argentina Uruguai e Bolívia) são advindas do particular clima político que hoje vive a região. Diferentemente do que ocorria uma década atrás, atualmente os países contestam os poderes imperiais com “dignidade e soberania”. Falam de uma “Velha Europa colonialista”, de países “lacaio dos EUA”, e, em seu discurso insurrecional imperialista, reagem de forma nítida e compacta.

O caso Snowden, ainda sem solução, exhibe uma mudança na agenda política, que mostra a possibilidade de um cenário de maior autonomia e coesão regional. Se a unidade política da região em detrimento dos poderes imperiais manter-se-á ou não, é uma questão em aberto que, ao menos, resulta para muitos como um possível estimulante.

NOTAS

1. Cfr. Sociología. Estudos sobre as formas de socialização, tradução de José Pérez Bances. Buenos Aires, Espasa Calpe-Argentina 1939, 331-392.
2. Idem, 353.
3. Idem, 354.
4. Idem, 356.
5. Idem, 378.
6. Idem, 386.
7. Idem, 370.
8. Idem, 371.
9. Tradução de Ana Kirch; Buenos Aires, Hydra 2010.
10. Tradução de Nora Catelli; Barcelona, Anagrama 1993.
11. Para o que se segue, foram retiradas informações do periódico argentino Página 12, entre os dias 2-7 e 3-8 de 2013.
12. Informação retirada do periódico argentino Página 12, entre os dias 2-7 e 3-8 de 2013.